

D. Fernando II de Coburgo

Viena, 1816 – Lisboa, 1885

Viena era já, ao tempo, um importante centro de cultura e de arte onde o jovem príncipe da Saxónia Coburgo e Gotha desenvolveu o seu gosto pelas ciências e pelas artes, além de uma notável competência linguística pois falava: alemão, húngaro, francês, inglês e, mais tarde, português. Desde muito novo que manifestou o seu gosto pela colecção de gravuras. Ramalho Ortigão diz que o então rei de Portugal colecionava gravuras desde os nove anos¹, manifestando preferência pela escola alemã de gravura.

Casado com a rainha, D. Maria II de Portugal, D. Fernando II fica conhecido como o Rei-Artista, não só pelo seu grande apreço pelas artes, como também pela sua faceta de artista que desenvolveu nos campos da cerâmica, escultura, pintura e gravura. Foi ele o grande impulsionador da gravura sobre metal e Maxime Lalanne diz que na relação dos membros da Societé des Aqua-Fortistes, D. Fernando II ocupa o 1º lugar².

D. Fernando foi presidente da Academia Real das Ciências e, juntamente com a rainha, protector das artes e do seu ensino. Apoiaram, nomeadamente, a fundação da Academia de Belas-Artes, iniciativa de Passos Manuel. A D. Fernando se deve também a defesa do património edificado, sendo conhecida a sua intervenção, nomeadamente, na Batalha, nos Jerónimos, em Mafra e na reconstrução do que é hoje o Palácio da Pena, em Sintra.

Após a morte de D. Maria II, casou com a Condessa d'Edla que deixou em legado ao Museu Nacional de Arte Antiga uma caixa contendo 129 matrizes das gravuras de D. Fernando.

As gravuras de D. Fernando constituem

uma parte muito importante da colecção da FBAUL, não só pelo seu valor histórico-artístico, mas pelo número substancial de obras inventariadas: 123 estampas diferentes. Mas esta importância acentua-se ainda mais se tivermos em consideração um facto que já Ernesto Soares apontava, e que é o de não ser muito usual encontrar obras deste autor nas colecções particulares portuguesas³. Soares refere como provável causa as poucas provas que teriam sido tiradas, dado que o artista não produziu as com fins comerciais.

Ernesto Soares, que dedicou grande atenção ao estudo da obra de D. Fernando, enumera um total de 170 gravuras deste artista.

Nas descrições que Ernesto Soares faz das gravuras do monarca, na sua História da Gravura, assinalam-se diversas imprecisões, que se podem dever à dificuldade que por vezes apresenta a leitura da inscrição e da subscrição, devido ao facto de estas se encontrarem sobrepostas a motivos de desenho. Também quanto a certas datas, sobretudo nos casos em que esta não aparece na gravura, não sabemos como Soares as apurou.

Na obra *El-Rei D- Fernando II Artista*, Ernesto Soares elabora nova listagem das obras do monarca, incluindo exemplares que não tinham sido mencionados na história da Gravura. Mas mesmo assim, ainda que salvaguardando possíveis enganos devido à pouca clareza das descrições, continua a haver estampas citadas numa obra e não na outra. O autor faz também um anova descrição de cada gravura, agora mais completa e elucidativa, nalguns casos corrigindo imprecisões que acima foram indicadas.

D. Fernando II de Coburgo

Viena, 1816 – Lisboa, 1885

As gravuras de D. Fernando, pela sua espontaneidade e anotações “rabiscadas”, parecem quase tratar-se de folhas de um bloco de apontamento onde o monarca gazia esboços rápidos de cenas que lhe despertavam a atenção ou outras fruto seu carácter fantasioso.

É muito interessante apreciar este à vontade com que D. Fernando abordava um médium como as chapas, como se fossem vulgares folhas de papel. No entanto Ernesto Soares indica que “todas as suas gravuras foram resultado de prévios desenhos, depois oferecidos ou inutilizados”⁴.

Esta facilidade no traço verifica-se sobretudo nas cenas que envolvem o motivo principal das gravuras. Como salienta Ernesto Soares “uma grande parte das chapas abertas pelo monarca possuem, como que emoldurando o assunto principal do quadro pequeninos ensaios de buril ou ponta”⁵, que revelam grande espontaneidade no traço e retratam pequenos apontamentos da mais heterogénea natureza. E enquanto a cena central é trabalhada a água-forte, estes enquadramentos são geralmente delineados à ponta seca, o que acentua ainda mais o seu carácter imediato e os aproxima do conceito de esboço rápido que, como Raczynski afirmou, “l’impression du moment a fait naître”⁶.

Mas nem toda a obra de D. Fernando reflecte esta espontaneidade. Algumas gravuras são mais trabalhadas, apresentando maior detalhe.

D. Fernando tratou na sua obra diversos assuntos, como pessoas (retratos, personagens exóticas, mendigos, cavaleiros, cavalos, gatos, macacos, cães, etc.); paisagens; cenas

de costumes (trabalhadores do campo, sapateiros, peixeiras, saltimbancos, etc.); cenas fantásticas (motivos hofmanianos⁷, personagens de histórias ligadas à sua origem germânica; seres demoníacos, animais fantásticos, pequenos seres tipo gnomos, etc.).

São muitas as estampas em que o rei surge mesmo como figura principal. Ernesto Soares afirma que na “obra de D. Fernando São de considerar algumas figuras aí representadas, como verdadeiros auto-retratos, embora velados pela fantasia do artista, e portanto valiosas como espécies icónicas”⁸.

Mas a sua própria pessoa não é a única personagem tirada da realidade e retratada pelo monarca. Outras figuras povoam a sua obra: elementos da família real (o seu pai, esposa, os infantes seus filhos), da sociedade, das artes (do teatro e ópera), militares e amigos.

1 TEIXEIRA, José – D. Fernando II – *Rei Artista, Artista Rei*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1986, p. 18.

2 Cf. Citado por TEIXEIRA, op. cit., nota 34, p. 230.

3 SOARES, Ernesto – *El-Rei D. Fernando II Artista*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1952, p. 59.

4 SOARES, Ernesto – *História da gravura artística em Portugal: os artistas e as suas obras*. Paris: [s.n], nota 2, p. 80.

5 SOARES, *História...*, op. cit., nota 2, p. 261.

6 RACZYNSKI, Le Comte A. – *Les Arts en Portugal. Lettres adressés a la Société Artistique et Scientifique de Berlin, et accompagnées de documens*. Paris: Jules Renouard et Cie, Libraires-Éditeurs, 1846, p. 403.

7 SOARES, *História...*, op. cit., nota 2, p. 50.

8 SOARES, *História...*, op. cit., nota 2, p. 17.